

# SABER ANCESTRAL: UM TECER EPISTEMOLÓGICO

## ANCESTRAL KNOWLEDGE: AN EPISTEMOLOGICAL WEAVING

Alan Christian Pedroso Martins<sup>1</sup>

“Lá vem vovó descendo a serra com sua sacola  
É com sua rosário, é com seu patuá, ele vem de Angola  
Lá vem vovó descendo a serra com sua sacola  
É com sua rosário, é com seu patuá, ele vem de Angola  
Eu quero ver vovó  
Eu quero ver  
Eu quero ver se filho de pemba tem querer”.

(PONTO DE PRETA VELHA)

**Resumo:** Este artigo direciona o olhar para a sabedoria ancestral africana e afro-brasileira como um caminho epistemológico legítimo, urgente e contra-hegemônico, contrapondo-se à lógica racionalista e cartesiana imposta pelo eurocentrismo colonizador. As figuras centrais deste artigo que personificam essa trajetória histórica, filosófica e existencial são as Pretas e os Pretos-Velhos. Essas entidades, incorporadas nas práticas rituais das Umbandas e manifestadas nos terreiros espalhados por diversas regiões do Brasil, atuam como guardiões da memória coletiva e da tradição oral. Desse modo, tornam

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/SP). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/SP). Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção de São Paulo (UNIFAI/SP). Atualmente pesquisa sobre a evangelização, a presença e a ação dos Frades Capuchinhos nos Reinos do Congo e Angola (séculos XVII e XVIII). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9075-0310>. ID Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2151108404714381>. E-mail: [alan.christian@unifesp.br](mailto:alan.christian@unifesp.br)

viva a sabedoria, a pujança e as estratégias de sobrevivência desenvolvidas sob a violência da trágica realidade escravocrata que vinda dos séculos passados, ainda assombram os dias atuais. Por meio de sua performance ritual e corporal, essas figuras ressignificam o conhecimento acumulado ao longo dos séculos, redefinindo o ambiente da senzala e do cativo a partir de uma dinâmica temporal espiralar no contexto contemporâneo. Argumenta-se que articular e analisar tais entidades nos dias de hoje fratura o monólogo epistêmico do Ocidente e possibilita a construção de novas ferramentas conceituais, assentadas nas vivências periféricas e nos giros decoloniais e antirracistas. O estudo resgata a relevância dos anciãos e do território sagrado do terreiro como produtores de signos, cultura e agência política, demonstrando como esses elementos permeiam profundamente os aspectos sociais, culturais e afetivos da formação da sociedade brasileira. Conclui-se que compreender o saber ancestral e o conceito da encruzilhada como recortes metodológicos indispensáveis permite romper com o epistemicídio vigente, acessando um entendimento substancialmente assertivo, profundo e complexo das relações humanas e das estruturas que movem os tecidos sociais vigentes.

**Palavras-chave:** Pretos e Pretas-Velhas. Ancestralidade. Encruzilhada. Epistemologia Decolonial. Religiosidade Afro-brasileira.

**Abstract:** This article focuses on ancestral African and Afro-Brazilian wisdom as a legitimate, urgent, and counter-hegemonic epistemological path, opposing the rationalist and Cartesian logic imposed by colonial Eurocentrism. The central figures in this article, embodying this historical, philosophical, and existential trajectory, are the Black women and the Black elders. These entities, incorporated into the ritual practices of Umbanda and manifested in the terreiros (religious centers) scattered throughout various regions of Brazil, act as guardians of collective memory and oral tradition. In this way, they bring to life the wisdom, strength, and survival strategies developed under the violence of the tragic reality of slavery that, stemming from past centuries, still haunts the present day. Through their ritual and bodily performance, these figures resignify the knowledge accumulated over the centuries,

redefining the environment of the slave quarters and captivity from a spiraling temporal dynamic in the contemporary context. It is argued that articulating and analyzing such entities today fractures the epistemic monologue of the West and enables the construction of new conceptual tools, grounded in peripheral experiences and decolonial and anti-racist shifts. The study recovers the relevance of elders and the sacred territory of the terreiro (Afro-Brazilian religious space) as producers of signs, culture, and political agency, demonstrating how these elements profoundly permeate the social, cultural, and affective aspects of the formation of Brazilian society. It concludes that understanding ancestral knowledge and the concept of the crossroads as indispensable methodological frameworks allows for a break with the prevailing epistemicide, accessing a substantially assertive, profound, and complex understanding of human relations and the structures that move the prevailing social fabric.

**Keywords:** Black Elders. Ancestry. Crossroads. Decolonial Epistemology. Afro-Brazilian Religiosity.

## INTRODUÇÃO

A vinda forçada de povos africanos em navios negreiros para submetê-los à escravização na colônia portuguesa das Américas, entre os séculos XVI e XIX, marcou indelevelmente a base estrutural, cultural e social brasileira. A malgrado do terrível sofrimento impetrado pelo regime escravocrata no Brasil colônia caracterizado pela desumanização institucionalizada e pela tentativa de apagamento de identidades, costumes, saberes e características relevantes que eram antes encontrados no vasto continente africano, fizeram-se presentes também nas Américas. Dentre esses elementos de resistência e reexistência, destaca-se o profundo respeito e a reverência pelos ancestrais, manifestados de forma vital no culto, na cosmologia e nas celebrações religiosas que ressignificaram o solo colonial (MARTINS; IWASHITA, 2017, p. 39).

Sob essa perspectiva, um olhar direcionado à ancestralidade permitiu aos negros marcados pelo sofrimento atroz dos açoites e da privação da liberdade não abandonar suas cosmopercepções

de um mundo além-mar, bem como de uma realidade existencial que poderia e deveria existir além do asfixiante contexto colonial e escravagista. Embora as dores coloniais fossem incomensuráveis e cotidianas, as forças espirituais e intelectuais recebidas dos ancestrais eram maiores ainda; essa conexão contínua os ajudava a superar o cotidiano da violência e a crer que haveria vida e dignidade após e apesar desse trágico período da história humana.

Esse processo de resistência transformou o território brasileiro em um espaço profundamente marcado pela cultura africana, continuamente reescrita com os olhares e os afetos voltados à mãe-África. Configura-se, portanto, um necessário e urgente tecer epistemológico que adentra as perspectivas afrocêntricas, posicionando-as não como saberes exóticos ou secundários, mas como chaves de leitura necessárias e atuais para a compreensão do país. Nesse ínterim, por meio do avanço das pesquisas antirracistas e decoloniais, já se torna visível o delineamento de uma cosmopercepção que, paulatinamente, toma corpo e substância teórica na academia e nos movimentos sociais.

Os sofrimentos vividos e a violência colonial não podem ser apagados da história negra; pelo contrário, devem ser constantemente revisitados e tomados como sobrelevação ética e política. Essa memória crítica é indispensável para que as novas construções sociais, culturais e epistêmicas possam ser tecidas enquanto filosofia e epistemologia afrocêntrica, desvinculadas das amarras do eurocentrismo. Torna-se imperativo voltar o olhar para as bases sólidas do pensamento afrocentrado para responder ao desafio existencial e à crescente complexidade do mundo contemporâneo (SODRÉ, 2021, p. 29). Os negros que aqui aportaram dispuseram de uma força civilizatória ímpar para superar criativa, intelectual e corajosamente o jugo colonial português, legando às gerações subsequentes uma herança fortemente marcada pelos laços ancestrais.

Na contemporaneidade, a população que se declara negra no Brasil é superior a cinquenta por cento da totalidade demográfica do país. Mesmo diante dessa maioria numérica, as lutas por direitos igualitários e por reparação histórica ainda se fazem urgentemente necessárias, haja vista a marca altamente racista e excludente que o colonialismo nos legou como estrutura. Frente a esse cenário, percebe-se um vigoroso esforço de retorno à África Mítica, caracterizado pela busca de

participação direta na construção de saberes, bem como na autonomia do modo de pensar e de validar o conhecimento. Desta forma, tecer uma epistemologia a partir do conhecimento ancestral faz-se indispensável, visto que a sociedade ainda vive sob o jugo de velhas construções europeias e cartesianas que continuam a operar como expressões racistas, universais e “monocromáticas” das percepções humanas.

A professora Antônia Aparecida Quintão, referência incontornável nos estudos sobre as irmandades negras na capital paulista, no prefácio da obra “Um preto no altar, (2022)”, descreve com precisão que a Lei Áurea — aquela que formalmente aboliu a escravidão no Brasil — não veio acompanhada de nenhuma política pública ou de ações de Estado que promovessem a efetiva integração dos negros nos diversos campos da sociedade. Tampouco foram oferecidas possibilidades e estruturas socioeconômicas para a real emancipação do povo preto. Segundo a autora, nas décadas subsequentes à abolição, ocorreu o inverso: várias medidas jurídicas, políticas e leis racistas disfarçadas foram sendo implementadas pelo Estado, institucionalizando a violência criminalizadora, promovendo a exclusão habitacional e de trabalho, e impedindo sistematicamente o acesso do povo negro a direitos igualitários.

Transmitir os saberes ancestrais diante desse apagamento histórico constitui-se, portanto, como um nobre ato político de preservação, expansão e ampliação do conhecimento. Todavia, para que essa transmissão de saberes ocorra de maneira efetiva e afetiva, é necessário compreender que ela permeia a existência em sua totalidade: sensorial, física, comunitária e ancestral. Entende-se a ancestralidade, em suma, como um aspecto ontológico da vida que fornece os aportes teóricos e práticos fundamentais para a elaboração de uma epistemologia decolonial, rigorosamente isenta dos resquícios limitantes da lógica eurocêntrica, cartesiana, patriarcal e positivista

## **A ANCENTRALIDADE COMO UM CONCEITO**

Eduardo Oliveira (2001), em suas pesquisas, reafirmou a ancestralidade como uma categoria

analítica que transmuta-se em um conceito chave de compreensão epistemológica que interpreta seu próprio regime de significados. Esta compreensão da ancestralidade se consolida a partir do território que por si próprio produz seus signos e sua cultura, sendo este o modo pelo qual as religiões de matriz africana se organizam e delimitam seus princípios que norteiam a vida social e comunitária.

O conceito de ancestralidade, portanto, está atrelado ao aspecto comunitário e social daqueles que na comunidade exercem um papel específico: os anciãos. São eles que expressam o saber adquirido com a maturidade alcançada na velhice, além do legado de continuarem transmitindo os saberes e seus costumes. São estes homens e mulheres que fazem ligação irrestrita entre o passado e o presente.

Algumas figuras importantes na religiosidade afro-brasileira que tem relação direta com a questão da ancestralidade e dos anciãos são as pretas e os pretos-velhos. São eles que grifam a expressão concreta de ancestralidade, trazendo para a tangibilidade das experiências da vida, ordenando os saberes adquiridos transmitidos pela oralidade e pelas marcas corporais. As pretas-velhas e pretos-velhos, que são nestas religiões de matriz africana e na expressão cultural afro-brasileira símbolos da transmissão do conhecimento, expressam não só as marcas do colonizador, mas os caminhos seguros para se chegar a encruzilhada<sup>2</sup>.

Estes homens e mulheres carregados de conhecimento, sabedoria e legados transmitidos e adquiridos através do tempo, trazem consigo em suas histórias a força que emerge do saber ancestral: conhecimentos adquiridos nas lutas e resistências. Nem mesmo as horas de torturas e as dores mortais pelas quais passaram, puderam banir a existência, a beleza e a força dos saberes adquiridos e vividos na terra-mãe, transportados ao longo de séculos nos navios negreiros.

Atualmente as pretas e os pretos-velhos, cultuados e invocados pelos negros quando reunidos em celebração, constituem-se como símbolos de sabedoria e abstração da realidade, símbolos que

---

2 A noção de encruzilhada emerge como disponibilidade para novos rumos, poética, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e a monologização do mundo. A encruza emerge como potência que nos possibilita estripulias (RUFINO, 2019, p.08).

nem mesmo as dores do colonialismo puderam relegar ao esquecimento. Em seu artigo “Preto-velho, memória, juventude umbandista”, a professora Sônia Regina Corrêa Lages (2019, p.58), afirma:

Os estudos sobre preto-velho e preta-velha os mostram como velhos curvados, com mãos às cadeiras, demonstrando suas dores no corpo, pelos anos de trabalho, fumando um cachimbo, sentados num banquinho. Usualmente chamado de vó, vô, pai e mãe, atendem às pessoas, chamando-as de filhos e filhas, e usam seu conhecimento sobre os seres humanos e a natureza para orientá-las. Sua cor preta e sua condição de velho, ressaltam aos olhos, não sendo possível desvincula-los da questão racial, étnica, da representação religiosa do negro escravo.

Nos territórios coloniais americanos, as pretas e os pretos-velhos mantiveram suas crenças e a maneira pelas quais constituíam-se em comunidades tribais no continente africano. Embora tais crenças não pudessem ser expressas com liberdade no solo do colonizador, eles encontraram maneiras de manter vivas suas origens e tradições africanas, o sincretismo foi uma delas. Ao sincretizarem os santos católicos camuflados de catolicismo e assim cultuarem suas divindades africanas e ancestrais, eles mantiveram-se ligados às suas origens reinventando-se em outras terras.

Em alguns casos, as ordens religiosas católicas foram as promotoras de devoções próprias voltadas aos homens e mulheres “de cor” como eram chamados os “não-brancos” no período colonial brasileiro. O historiador Alvaci Mendes da Luz (2022, p. 71) em sua obra “Um preto no altar: resistência e protagonismo em um território de disputas” afirma:

Os “santos de cor” frequentemente associados a pobreza, escravidão, simplicidade e desapego serão utilizados como modelo catequético das ordens mendicantes em terras coloniais portuguesas e espanholas e rapidamente assimilados pelas populações escravizadas”.

Nas manifestações religiosas, como nas festas de santos, nos dias daqueles cultuados pelo catolicismo, os africanos e seus descendentes expressavam sua religiosidade “e nestas festas eram munidos de força espiritual e mental para continuar o trabalho, deste modo, ao som dos atabaques

envolto do fogo cantavam e dançavam” (MARTINS; IWASHITA, 2017, p.41). O professor Lourival Andrade Júnior em seu artigo “Adorei as almas”: Umbanda, Preto-velho e escravidão”, descreve esta associação entre as divindades africanas e os santos católicos:

Da mesma forma que os negros mantiveram suas práticas através do culto dos Orixás iorubanos, também viram nas aproximações, inicialmente imagéticas, dos santos católicos uma forma de diminuir a perseguição que sofriam e que de alguma forma dava a eles uma liberdade de ir e vir, como por exemplo, as missas dominicais e descanso nos dias santificados e nas festas católicas. Por conta das flechas São Sebastião se aproximou de Oxóssi (deus da caça), Santa Bárbara por possuir uma espada em sua imagem (espada de seu martírio) foi associada a Iansã (deusa guerreira e dona dos raios e ventanias), São Cosme e Damião por serem gêmeos e uma aparência infantilizada foram associados a Ibejis (deuses crianças e irmãos) e assim muitos outros, como apontam os estudos de Pierre Fatumbi Verger, no clássico trabalho “Orixás: deuses Iorubás na África e no Novo Mundo” (ANDRADE JUNIOR, 2013, p.07).

As pretas-velhas e os pretos velhos, quando invocados e “incorporados” no cotidiano, atualizam na humanidade os antigos anseios e o desejo de se verem constantemente livres do “carrego colonial<sup>3</sup> europeu. Deste modo, participar desta “incorporação” possibilita aos agentes humanos tecerem uma epistemologia afrocentrada, que resgata a capacidade de olhar além dos escombros dos engenhos por eles queimados. Andrade Junior (2013, p. 07) ainda afirma que chegar a idade avançada era um grande desafio, que devia ser festejado:

Nestes espaços de disputas e de resistências, o respeito a ancestralidade era determinante para a vida dos cativos. Mesmo que os guerreiros estivessem sempre elaborando planos de fuga, o conselho dos mais velhos era sempre o ponto chave para se tomar a decisão final. Tornar-se um negro velho vivendo nas condições inóspitas, tanto na África como no Brasil escravista, no míni-

---

3 No livro “Pedagogia das Encruzilhadas” Luís Rufino (2019, p.08) faz uma referência ao termo carrego colonial: “Seguindo caminhos por encruzilhadas, existe ainda outra via conceitual que também deve ser atravessada, a colonialidade. Esse fenômeno, que prefiro chamar de marafunda ou carrego colonial, compreende-se como sendo a condição da América Latina submetida às raízes mais profundas do sistema mundo racista/capitalista/cristão/patriarcal/moderno europeu e às suas formas de perpetuação de violências e lógicas produzidas na dominação do ser, saber e poder.”

mo deveria ser festejada. Estes anciãos tinham um poder significativo, aconselhando o não conflito, como incitando a fuga quando considerava a melhor alternativa. Ao morrerem continuavam sendo cultuados da mesma forma que na África se faziam com os mortos. O mundo dos vivos e o dos mortos faziam parte do mesmo universo.

Construir uma epistemologia a partir do saber ancestral é, portanto, colocar na centralidade os aspectos que marcam a existência do povo negro que apesar do carrego colonial, trazem em seus corpos e no imaginário a “África mítica”, seus saberes e suas maneiras de ver o mundo e seu redor. Além do saber que tinham por serem anciãos, ainda carregavam em si a plena comunicação e a ligação com os que já haviam morrido e deixado um legado a ser vivido na comunidade.

## CONCLUSÃO

Assim sendo, diante das vicissitudes históricas e das lutas contínuas contra o conhecimento hegemônico e eurocêntrico imposto pelo projeto colonizador, a construção de uma legítima epistemologia antirracista e decolonial materializa-se no retorno ético, político e poético à encruzilhada. É nesse espaço vital de trânsito, pluralidade e possibilidade que as vozes e os saberes dos que habitam o Ayé (o mundo físico) e o Òrun (o mundo espiritual) se entrelaçam. Esse encontro não ocorre como um mero eco folclórico do passado, mas sim como uma força viva, contra-hegemônica e pulsante que aponta caminhos de liberdade, emancipação intelectual e reconexões afrocêntricas fundamentais para o Brasil contemporâneo.

A encruzilhada, portanto, deixa de ser compreendida apenas sob uma ótica estritamente religiosa e assume o status de categoria filosófica e analítica urgente. Ela funciona como uma encruzilhada de saberes capaz de fraturar o monólogo racionalista, universalista e cartesiano estabelecido pelo Ocidente, o qual historicamente operou por meio do epistemicídio — o apagamento sistemático dos conhecimentos produzidos por povos colonizados. Como bem acentua Luiz Rufino (2019, p. 3), a encruzilhada configura-se como um caminho soberano de comunicação e resistência

ancestral: “é a boca do mundo, é saber praticado nas margens por inúmeros seres que fazem tecnologias e poéticas de espantar a escassez abrindo caminhos”.

Sob a condução ética e a profunda sabedoria das Pretas e dos Pretos-Velhos, esse território epistêmico promove o resgate cultural, social e político de corpos e memórias que a colonialidade tentou subalternizar. Essas entidades, ao performarem nos terreiros de Umbanda a memória viva da senzala, os traumas do cativo e a superação dialética da dor, oferecem uma sofisticada tecnologia de cura e de produção de conhecimento. Esse saber, assentado na oralidade, no corpo e no axé, isto é, por meio de rezas, benzimentos, escuta e conselhos, brota das margens para desafiar a escassez existencial e a rigidez acadêmica provocadas pelo racismo estrutural que ainda molda as instituições de ensino e de poder.

É nessa encruzilhada da existência mítica e histórica que as comunidades negras e os pesquisadores afrocentrados se ligam aos seus ancestrais para atualizar o retorno àquela África-mãe. Essa África não deve ser entendida como um espaço geográfico estático no tempo, mas como um território conceitual, metodológico e afetivo que nunca foi esquecido, jamais foi relegado ao passado e permanece sendo cotidiana e vigorosamente invocado. O culto e a escuta aos mais velhos, personificados nessas entidades, estabelecem um compromisso ético com a ancestralidade como chave de leitura do mundo, das relações e dos acontecimentos.

Em última análise, as Pretas e os Pretos-Velhos fornecem uma releitura epistemológica indispensável no solo da reconstrução das memórias e das vivências brasileiras. Ao costurarem o passado, o presente e o futuro na dinâmica de um tempo espiralar — onde o que veio antes caminha conosco e ilumina o que há de vir —, essas figuras não apenas preservam a dignidade histórica do povo negro, mas geram as bases para uma nova emancipação social e epistemológica. O saber ancestral, longe de ser um arcabouço rígido, revela-se como uma ciência dinâmica, viva e plenamente capaz de decodificar, tensionar e transformar as complexidades e os desafios do mundo contemporâneo.

## Referências bibliográficas

ANDRADE JUNIOR, Lorival. Adorei as almas: umbanda preto-velho e escravidão. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, v.1, p.1-13, 2013.

LAGES, Sônia Regina Corrêa. Preto velho, memória, juventude umbandista, Numen, v. 22, n. 1, 2019.

LUZ, Alvaci Mendes da. Um preto no altar: resistência e protagonismo em um território de disputas. Petrópolis: Vozes, 2022.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis: Vozes, 2021.

MARTINS, Alan Christian Pedroso; IWASHITA, Pedro Kuniharu. Sincretismo: uma relação entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras. Revista Eletrônica Espaço Teológico, v. 11, n. 20, p. 38-54, jul/dez, 2017.

MOLOMALO, Bas'Ílele. O significado da comunidade Orun-Aiyé ou comunidade-universo-natureza na filosofia africana do NTU-AXÉ. Revista Communitas, v. 5, n.10, (abril–junho/2021).

OLIVEIRA, Eduardo D. A Ancestralidade na Encruzilhada: dinâmica de uma tradição inventada. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2001.